

EDUCAÇÃO FEMININA NO PIAUÍ: CONTRIBUIÇÕES DO PERIÓDICO *BORBOLETA*

FEMININE EDUCATION IN PIAUÍ: CONTRIBUTIONS OF THE BUTTERFLY JOURNAL

Fabiola Nunes Brasilino

UFPI

Raimunda Celestina Mendes da Silva

UESPI

Resumo: No final do século XIX e início do século XX, no Brasil, as mulheres passam a reivindicar igualdade em relação aos homens, em diversos âmbitos da vida social, questionando a submissão feminina e a restrição do acesso à educação, ao mercado de trabalho e à participação política. Nesse período, escritoras publicam livros e organizam periódicos, a exemplo do jornal *Borboleta*, que circulou em Teresina de 1904 a 1907, tendo como redatoras Helena Burlamaqui, Maria Amélia Rubim e Alaíde Burlamaqui. Projeto inovador para a época, a proposta de o *Borboleta* era dar oportunidade às mulheres de participarem ativamente da cultura, bem como promover a conscientização da sociedade para a importância da educação feminina. Dessa forma, este trabalho explicita as contribuições do periódico *Borboleta* para a formação educacional da mulher piauiense. Como aporte teórico foram consultados os seguintes autores: Alves (1985), Pitanguy (1985), Zolin (2009), Duarte (1987), Safiotti (1987), entre outros.

Palavras-chave: Mulher - Educação Piauiense, Periódico *Borboleta*, Escrita Feminina.

Abstract: *In the late nineteenth and early twentieth centuries, in Brazil, women began to claim equality with men in various spheres of social life, questioning women's subjection and restricting access to education, the labor market and political participation. In this period, women writers publish books and organize periodicals, like the newspaper Borboleta, which circulated in Teresina from 1904 to 1907, with Helena Burlamaqui, Maria Amélia Rubim and Alaíde Burlamaqui as editors. Innovative project for that time, the proposal of the Butterfly was to give women the opportunity to participate in the culture, as well as promote the awareness of society to the importance of female education.. Thus, this work makes explicit the contributions of the journal Borboleta for the educational formation of Piauí women. As a theoretical contribution, the following authors were consulted: Alves (1985), Pitanguy (1985), Zolin (2009), Duarte (1987), Safiotti (1987), among others.*

Key-words: *Women – Education of Piauí, Borboleta journal, Female Writing.*

INTRODUÇÃO

Este artigo apresenta uma análise das contribuições do periódico *Borboleta* para a formação educacional no estado do Piauí. Editado durante os anos de 1904 a 1907¹, o *Borboleta* atuou como importante ferramenta de combate à exclusão feminina no contexto educacional da época. Para tal, serviram-se, em várias oportunidades, da literatura - poesias, textos em prosa - e artigos que encorajavam as mulheres a seguirem exemplos de escritoras reconhecidas nacionalmente por suas lutas em prol da causa feminina, bem como buscarem instrução para o desempenho de funções para além do desempenho das atividades domésticas.

A parceria entre jornalismo e literatura rendeu bons frutos, visto que, nessa união entre informação e cultura, os dois lados saíram ganhando, haja vista que o jornal se tornou um meio de comunicação mais atraente, ao passo que a literatura também agregou valor ao lançar um olhar mais atento e acurado para as questões sociais, âmbito de influência do jornalismo.

No Brasil, a imprensa feminina surgiu em 1827, com o surgimento de *O Espelho Diamantino* (LIMA, 2007, p. 222), “dedicado às senhoras brasileiras”, como afirmava seu subtítulo, com objetivo de entretenimento. Apresentando assuntos variados, como moda, comportamento, beleza e culinária trazia também ideias emancipatórias femininas através dos discursos presentes nos fascículos, os quais difundiam ou legitimavam determinadas condutas. Seu baixo custo possibilitava uma maior proximidade com o público leitor, as produções literárias e os debates coletivos.

A escrita enquanto formadora de opinião pública e perpetuadora de valores já legitimados pela ordem social hegemônica é, também, instrumento para contestar ideologias dominantes, possibilitando a construção e difusão de novas leituras de mundo, provocando, assim, rupturas nas estruturas vigentes. Para Lajolo (1990, p. 29), “aos olhos de nossa tradição cultural, o domínio da escrita vale muitos pontos. É timbre de distinção, atestado de superioridade intelectual, marca de valor; tanto para indivíduos quanto para a civilização”. Dessa forma, observamos a relevância da educação para a ascensão social, sendo, portanto, fator de distinção social.

A seguir, tratamos do jornal *Borboleta* e de sua importância para o progresso da educação feminina no Piauí.

A IMPRENSA FEMININA EM TERESINA: *BORBOLETA*

Com a intensa modernização ocorrida em Teresina a partir do final do século XIX e início do século XX, tanto na esfera urbana, com a canalização de água e a eletrificação das ruas, quanto na esfera tecnológica, com o telefone, o cinematógrafo e as primeiras tipografias, ajudou a impulsionar o panorama jornalístico da cidade, a população passa a acompanhar, também, os avanços culturais decorrentes desse progresso. (QUEIROZ, 2011).

É nesse contexto de efervescência cultural que um público leitor começa a se formar, com

¹ Em relação ao período de circulação do periódico, há uma imprecisão quanto a alguns autores, devido às lacunas na historiografia literária piauiense.

destaque para a elite feminina já alfabetizada, público-alvo em potencial que estimulou a publicação de periódicos voltados para esse universo, abordando assuntos variados, como literatura, notícias em geral e sobre a vida familiar. A temática mais abordada nesse tipo de publicação eram os trabalhos domésticos, visto que o objetivo primordial da educação feminina era habilitar as moças para serem boas esposas e mães. Saffioti justifica a preferência por esse assunto, porque fazia parte do cotidiano feminino: “Foi a partir dos próprios papéis tradicionais que a sociedade lhes atribuiu que as mulheres questionaram as primícias ditatoriais, procedendo ao resgate, pelo menos parcial, da história real.” (1987, p. 15). Partindo dessa perspectiva, podemos inferir que o público feminino passou a adquirir novos papéis na sociedade a partir dos que já exerciam, surgindo, no Piauí, as primeiras escritoras a publicarem em jornais.

Dentre os indicadores dessas mudanças na participação da mulher na vida social, surge, em Teresina, o primeiro jornal voltado para o público feminino, o qual mesclava notícias, literatura e crítica. Escrito apenas por mulheres, o periódico *Borboleta* circulou entre os anos de 1904 a 1907, sendo suas redatoras: Helena M. Burlamaqui, Maria Amélia Rubim e Alaíde M. Burlamaqui.

Neste estudo foram analisados os seguintes números do jornal: *Borboleta*, 29 de outubro de 1905, nº 14; *Borboleta*, 29 de novembro de 1905, nº 15; *Borboleta*, 29 de dezembro de 1905, nº 16; *Borboleta*, 29 de janeiro de 1906, nº 17; *Borboleta*, 1º de março de 1906, nº 18; *Borboleta*, 1º de maio de 1906, nº 20 e *Borboleta*, 14 de agosto de 1906, nº 23. Os exemplares encontram-se disponíveis no Núcleo de Pesquisa em Jornalismo e Comunicação (NUJOC) da Universidade Federal do Piauí e no Arquivo Público do Estado do Piauí, em formato digitalizado.

Figura 1: Jornal Borboleta Nº 14 (29-10-1905)



Fonte: <http://memoriadojornalismopi.com.br/admin/search-params>

O jornal *Borboleta* tinha periodicidade mensal, com assinaturas mensal e trimestral. Na seção expediente constam os nomes das três redatoras: Helena M. Burlamaqui, Maria Amélia Rubim e Alaíde M. Burlamaqui, mas o periódico também recebia a colaboração de literatos, como Jonathas Baptista, Abdias Neves, Esmaragdo de Freitas, dentre outros, o que demonstrava as boas relações e o prestígio social das senhoritas na sociedade da época, assim como o apoio desses literatos à iniciativa das escritoras.

Projeto inovador para a época, a proposta de o *Borboleta*, ao tratar de temas como educação e produções literárias, era dar oportunidade às mulheres de participarem ativamente da cultura, despertando-as para a importância de uma formação intelectual, como afirma Castelo Branco (2013, p. 121):

O jornalismo, enquanto atividade feminina, já tinha precursoras na segunda metade do século XIX, [...]. Em Teresina, essa atividade tomará vulto no início do século XX, com o jornal *Borboleta*, que circulou de 1904 a 1906 e era dirigido e redigido por três senhoritas da sociedade teresinense - Helena M. Burlamaqui, Maria Amélia Rubim e Alaíde M. Burlamaqui. Caracterizamos essa atividade como remunerada, devido ao fato de o jornal ser vendido e até mesmo ser aceito assinantes. [...] Um dos principais objetivos das jornalistas de o *Borboleta* era abrir o mundo intelectual às mulheres, daí uma das suas mais frequentes reivindicações ser o aprimoramento cultural da mulher.

Essa afirmação evidencia que, além de veículo de entretenimento, o *Borboleta* desempenhava uma importante função no que concerne ao crescimento intelectual das mulheres da época. Seus textos, na maioria das vezes, abordavam a importância da instrução aliada à educação doméstica para o público feminino. Sobre a função da imprensa na sociedade, Perrot (1998, p. 84) afirma que “o exercício do jornalismo significa ao mesmo tempo ter uma parte ativa na construção da opinião pública, liberdade de movimento e abertura para o mundo”. Considerando esse ponto de vista, concluímos que a imprensa, em Teresina, oportunizou às mulheres questionarem a ordem social estabelecida, possibilitando-lhes, dessa forma, as reivindicações de novos direitos.

Outro tema bastante recorrente nos textos de o *Borboleta* refere-se aos obstáculos em manter um empreendimento daquele porte para a época, sobretudo, devido aos custos financeiros e ao preconceito da sociedade piauiense em relação ao papel da mulher, pois o fato de trabalharem editando um jornal era visto de forma negativa, considerado sinônimo de subversão e fator de desagregação familiar e social. (FERREIRA; QUEIROZ, 2015). De fato, o papel que cabia à mulher era cuidar do lar, dos filhos e do esposo, circunstância essa vista nas obras literárias de autores como Clodoaldo Freitas, conforme demonstra Castelo Branco (2006), ao abordar a visão de alguns literatos em relação aos novos comportamentos femininos, bem como a tentativa desses escritores, através de suas obras, de criarem padrões identitários para as mulheres. O excerto de Abdias Neves em *Um Mamicaca* reforça esta opinião:

Dizia. Afirmava que a religião da mulher é a família. Sustentava que, se ela se

desvela pelo culto da igreja, esquece as suas obrigações domésticas. Ainda ia mais longe. Entendia que a religiosidade é uma moléstia que se agrava e acaba por invadir todo o organismo, dominando-o, abatendo-o, lançando o doente para um misticismo que só adormece na adoração constante, nas sensações embriagadoras da música sagrada. (NEVES, 2000, p. 45)

Por seu turno, as escritoras não se curvavam perante as dificuldades, como revelam alguns trechos publicados em jornal, em que elas expressam esses enfrentamentos:

[...] E sempre lutando contra os obstáculos que costumam se apresentar nas lides jornalísticas, conseguimos hoje vencer um anno de fugentes esforços e realizar o nosso mais ardente desejo, que era apresentar impresso o nosso pequeno jornal, denominado “Borboleta”, que até então era manuscrito. [...]

“Querer é poder, disse alguém”, e, como temos muita força de vontade, não recuaremos jamais, e havemos de afrontar corajosas os escolhos que por acaso encontrarmos em o nosso caminho. [...]

É com o espirito altivo e rígido que nos arremessamos aos perigos que atravessa a vida jornalística.

[...]

E por consequencia não ousaremos vacillar um passo se quer em favor da amplificação feminil.

[...]

Luctar constantemente contra a turba de invasores da civilização feminil é o que havemos de fazer, embora de queda em queda, de desastre em desastre. [...] (sic) (BORBOLETA, 1905, p. 1, grifo nosso)

Essa declaração publicada no jornal revela que as primeiras publicações tiveram dificuldades de se efetivar. Nesse aspecto, é relevante considerar que o processo de mudança no qual as mulheres deixam de ser sujeitos passivos, porque passam a desempenhar funções antes masculinas, pode ser visto como uma desconstrução da centralidade de poder e, nesse sentido, a considerável produção literária de autoria feminina surge com a missão de modificar os esquemas representacionais com outros olhares, posicionados a partir de outras perspectivas. (ZOLIN, 2009).

Na edição de número 16, de 29 de dezembro de 1905, no artigo intitulado ‘Adorno de mulher’, a colaboradora, que assina com as iniciais A. B., vê a educação para as mulheres de forma mais ampla, fazendo alusão às escritoras Maria Amália Vaz de Carvalho, Júlia Lopes de Almeida e Ignez Sabino, evidenciando que, além de conhecimentos domésticos, as mulheres deveriam lutar pela formação intelectual, sendo a literatura um meio importante para a ascensão:

A mulher, como todos sabem, **devem ser instruída**, não sò porque a instrucção lhe da mais realce como tambem porque a habilita para todos os misteres da vida, para o bom desempenho dos deveres que lhe são inherentes.

Muitos pensam que a mulher deve esmerar-se mais na educação domestica, eu porem não penso assim, acho que ella não deve conquistar titulos que não

estejam no seu alcance, mas deve estudar e trabalhar muito com o fim de ter certos conhecimentos seguindo assim o exemplo de Maria Amalia Vaz de Carvalho, Julia Lopes de Almeida, Ignez Sabino e tantas outras que teem sabido se impor pela sua vasta illustração.

Educar a mulher diz Maria Amalia, é leval-a a compenetrar-se do seu papel providencial na família [...].

A instrucção è a base da vida, a mulher instruida tem entrada franca em toda parte, e finalmente a instrucção é um thezouro que todos devem buscar. (sic) (BORBOLETA, 1905, p. 1, grifo nosso).

A participação de Maria Amália nas letras brasileiras é importante. Segundo Constância Lima Duarte, os temas tratados em muitos dos textos da portuguesa além de conclamarem o direito das mulheres à escolarização, combatem a ideologia que transformou a mulher em um ser de segunda categoria:

Seus livros repercutiram vivamente entre as brasileiras, influenciando suas ideias e escritos. [...] o tom militante que perpassa em seus textos justifica-se pelo sentimento que dominava a maioria das escritoras de se considerarem portadoras de uma “verdade” e com o dever de contribuir para o esclarecimento dos contemporâneos e a melhoria da condição de vida das mulheres. (DUARTE, 2002, p. 274)

Ainda na mesma edição, no artigo ‘Em prol da educação’, a colaboradora, que subscreve com a inicial M., faz uma espécie de desdobramento da matéria anterior, justificando a importância da educação para a mulher no que diz respeito à sua missão de mãe, formadora do caráter dos filhos.

[...] À sua mãe incumbe a delicada missão de formar seu character, educar seu espirito. [...] O primeiro cuidado de uma senhora que exerce o papel de mãe deve ser, tornar seu filho docil e obediente. [...] A mulher ignorante não pode ser a educadora d’aquelles que para o futuro hão de exercer importante papel na sociedade. [...] (sic). (BORBOLETA, 1905, p. 1).

O que mais chama atenção nas publicações é o fato de que, mesmo militando em favor de novos direitos femininos, principalmente no que diz respeito à educação, as moças de o *Borboleta* não iam totalmente contra o sistema vigente, usando como pretexto para a necessidade de instrução a importância do papel da mãe no seio familiar.

Antes das redatoras de o *Borboleta*, a historiografia literária piauiense registra a presença da poetisa Luíza Amélia de Queiroz que em 1868, no poema *Mulher*, denuncia como a prática literária era uma atividade exclusiva do sexo masculino. Eis um excerto do poema:

A mulher

A mulher que toma a pena

Para em lira a transformar,
É para os falsos sectários,
Um crime que os faz pasmar!
Transgride as leis da virtude;
A mulher deve ser rude,
Ignara por condição!
Não deve aspirar a glória!...
Nem um dia na história
Fulgar com distinção!
[...] (6 de dezembro de 1868)

Para Silva (2001, p. 378), no poema acima a poetisa indaga sobre o lugar da mulher na sociedade da qual ela fazia parte, registra suas aflições, angústias, inquietações, assinala como a mulher era marginalizada e difícil o convívio familiar.

Além da parte literária, o jornal possuía algumas colunas que desempenhavam a função atualmente conhecida como social, a saber: “Notícias”, na qual eram veiculadas notas diversificadas, como, por exemplo, a aprovação em preparatório; “Pensamentos”, em que, como o próprio nome indica, eram reproduzidos pensamentos diversos dos vários colaboradores do jornal; “Perolas azues”: seção dedicada aos aniversariantes do mês, dentre outras. Em uma dessas edições, Jonathas Baptista homenageia as redatoras do jornal com o poema *A mulher* pelo primeiro aniversário do periódico:

A mulher

Às Redactoras Do Borboleta

Creança é o lyrio puro e nevado,
Todo orvalhado do campo em meio;
Anjo formoso do céu roubado,
Sempre encantado, de graça cheio.

Moça é qual ave gentil, medrosa
Fugindo airosa do caçador;
Corando às vezes treme nervosa
Si descuidosa suspira Amor.

Esposa é a imagem perfeita e pura
Dessa ternura que em sonhos vejo;
Do lar a graça toda a ventura,
Vida e doçura de um casto beijo.

Mãe-terra amiga, doce alegria,
Santa Maria, tão meiga e bôa,

Anjo da guarde, canto e poesia,
Luz que erradia – Mãe que abençoa!... (sic) (*Borboleta*, 2-11-1905, N° 15)

Tais informações sobre os assuntos abordados pelo jornal são importantes para as pesquisas de hoje, pois constituem dados que comprovam as condições das mulheres em uma época passada. Nesse sentido, com a grande ampliação do espaço democrático, em que surgem novas esferas de atuação, com acesso a tais dados, constata-se que a participação da mulher em questões sociais se iniciou em associações de bairro, entre donas de casa, em clubes de mães etc. (ALVES, PITANGUY, 1985).

Sabe-se que a imprensa se transforma com o tempo, que acompanha o desenvolvimento da sociedade que é mutável, dessa forma é salutar o resgate que se faz da trajetória do mercado editorial no Piauí com um estudo dedicado às mulheres. Muito há a ser explorado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ante o exposto, é notória a relevância do jornal *Borboleta* e da atividade jornalística desempenhada pelas suas redatoras para a literatura piauiense e para a educação feminina no início do século XIX, haja vista que romperam, de certa maneira, com algumas barreiras, ao promover a formação intelectual das mulheres, mostrando que os espaços público e privado poderiam estar lado a lado, e ao divulgar a produção literária de autores já consagrados, bem como alavancar a carreira de outros.

As primeiras participações das mulheres em áreas comumente dominadas pelo sexo masculino representam o marco inicial para questionamentos e reivindicações acerca dos papéis atribuídos às mulheres, possibilitando, assim, alterações concernentes aos direitos e deveres que, antes das participações e dos processos de mudanças realizados pelas próprias mulheres, não haviam sido questionados. No dia 01 de maio de 1906, a edição N° 20 de o *Borboleta* na p. 02, traz uma homenagem a uma das redatoras pela passagem do seu aniversário.

Justa homenagem

O 15 de abril relembra o dia em que veio ao mundo, a nosso colega de redação senhorita Helena Burlamarqui, para honrar sua inteligência privilegiada e seu espírito esclarecido. [...] Esta incançável batalhadora nunca recuou ante as luctas da imprensa e sempre corajosa e altiva ella nos mostra, com a luz de sua inteligência lucida, o ponto sublime da victoria. Quando o jornalismo se nos apresenta um caminho coberto de espinho sem que possamos rompê-lo, perdemos muitas vezes a ultima esperança e ella, refulgente estrela eu do ceo da inteligência nos guie na terra da imprensa, nos faz ver além a nossa completa gloria. [...] (sic) (*Borboleta*, n° 20, 01-05-1906)

Telles lembra que “os silêncios cercavam e cercam o patrimônio cultural das mulheres. Cada nova geração precisa refazer os passos e retomar os caminhos”. (1992, p. 50), portanto

a história cultural e literária silenciada dessas precursoras através de o jornal *Borboleta* quebra o silêncio imposto a elas ao longo dos anos, mas que hoje reivindica seu espaço na recuperação da memória e da presença feminina para formação da história da produção feminina no Piauí e, conseqüentemente, da historiografia literária brasileira.

É necessário, na atualidade, mudanças mais radicais com relação à participação feminina na literatura, visto que, sobre a escrita, o ponto que mais gera discussões diz respeito à existência de uma literatura feminina e sua especificidade. (DUARTE, 1987) Por essa razão, o estudo dessa fonte de informação primária, o jornal *Borboleta*, de modo particular, os números aqui analisados, é fundamental para que as lacunas presentes na historiografia literária piauiense possam, cada vez mais, serem sanadas.

REFERÊNCIAS

ALVES, B. M.; PITANGUY, J. *O que é feminismo*. São Paulo: Ed. Abril cultural: Brasiliense, 1985.

B. A. Adorno de mulher. *Borboleta*, Teresina, p. 1, 29 dez. 1905.

B. H. O esquecimento dos pobres. *Borboleta*, Teresina, p. 2, 29 jan. 1906.

CASTELO BRANCO, P. V. Mulheres escritas: literatura e identidades femininas em Teresina (1900-1930). *História hoje*, Marília, v. 3, n. 9, 2006. Disponível em: < www.anpuh.org/arquivo/download%3FID_ARQUIVO%3D79+%&cd=15&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br . Acesso em: 21 jun. 2020.

CASTELO BRANCO, P. V. *Mulheres plurais: a condição feminina na primeira república*. Teresina: Edufpi, 2013.

DUARTE, Constância Lima. *Literatura feminina e crítica literária*. *Comunicação apresentada na ANPOLL - II Encontro Nacional, 26 a 29/maio/87. Rio de Janeiro. Disponível em: <file:///C:/Users/nanep/Downloads/critica%20liter%C3%A1ria%20%20feminina.PDF>. Acesso em: 19/06//2020.

DUARTE, Constância Lima. Apontamentos para uma história da educação feminina no Brasil – século XIX. In: DUARTE, Constância Lima (co-org.). *Gênero e representação: teoria, história e crítica*. Belo Horizonte: Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários - Faculdade de Letras da UFMG, 2002. (Coleção Mulher e Literatura, v. 1), p. 274.

FERREIRA, Ronyere; QUEIROZ, Teresinha. Um literato feminista: Jônatas Batista e as ampliações das responsabilidades femininas em Teresina (1906-1927). *História, histórias*, Brasília, v. 3, n. 6, 2015. Disponível em: <http://periodicos.unb.br/index.php/hh/article/view/13342>. Acesso em: 3 jun. 2020.

LIMA, Sandra Lúcia Lopes. *Imprensa feminina, revista feminina: a imprensa feminina no Brasil*. In: Projeto História. São Paulo, nº 35, dez. 2007, p.221-240.

LAJOLO, M. *O que é literatura*. São Paulo: Brasiliense, 1990. Coleção Primeiros Passos.

M. Em prol da educação. *Borboleta*, Teresina, p. 1, 29 dez. 1905.

NEVES, Abdias. *Um Manicaca*. Teresina: Corisco, 2000.

O homem. *Borboleta*, Teresina, p. 1, 1 mar. 1906.

PERROT, M. *Mulheres públicas*. São Paulo: UNESP, 1998.

QUEIROZ, Teresinha. *Os literatos e a República: Clodoaldo Freitas, Higino Cunha e as tiranias do tempo*. 3. ed. Teresina: EDUFPI, 2011.

SAFFIOTI, H. I. B. *O poder do macho*. São Paulo: Moderna, 1987.

SILVA, Raimunda Celestina Mendes da. A produção de Luíza Amélia de Queiroz e Lili Castelo Branco: a construção de um lugar na história da literatura piauiense. In: MOREIRA Maria Eunice; OLIVEIRA, Amanda da Silva; NASCIMENTO, Fábio, Varela. *Escritas e leituras contemporâneas: histórias da literatura*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2019.

TELLES, N. Escritores, escritos, escrituras. In: DEL PRIORE, M. (Org.). *História das mulheres no Brasil*. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2000.

TELLES, N. Autor+a. In: JOBIM, José Luís. (Org.) *Palavras da crítica*. Rio de Janeiro: Imago, 1992.

ZOLIN, L. O. A literatura de autoria feminina brasileira no contexto da pós-modernidade. **Ipotesi**, Juiz de Fora, v. 13, n. 2, p. 105 - 116, jul./dez. 2009. Disponível em: <http://www.ufjf.br/revistaipotesi/files/2009/10/a-literatura-de-autoria-feminina.pdf>. Acesso: 22 nov. 2017.

Fabíola Nunes Brasilino

Mestre em Letras pela Universidade Estadual do Piauí – UESPI, onde defendeu a dissertação “A renovação da literatura piauiense: cultura, anseios modernistas na revista Cadernos de Letras Meridiano”.

Possui graduação em Licenciatura Plena em Língua Inglesa – UFPI e Bacharelado em Biblioteconomia – UESPI. Especialista em Biblioteconomia – FIJ-RJ. Exerce, atualmente, a função de bibliotecária documentalista da UFPI. E-mail- fabinunes1@gmail.com

Raimunda Celestina Mendes da Silva

Possui doutorado e mestrado em Linguística e Letras pela PUC-RS; é graduada em Licenciatura Plena

Em Letras pela UFPI e em Licenciatura em Educação Artística Polivalente pela UFPE. Atualmente é professora adjunta da Universidade Estadual do Piauí - UESPI, curso de Letras/Português e do mestrado em Letras. Coordenadora do Curso de Letras - Português (PARFOR). Pertence aos grupos de pesquisa NEMA, INTERLIT e NEPA. E-mail: r.celestina@uol.com.br

Recebido em 14/08/2020.

Aceito em 10/09/2020.